

DO BANHO “DE CHUVA” E OUTRAS “DANAÇÕES”: SOCIABILIDADES NOS “TEMPOS DE MENINOS” EM FORTALEZA (1890-1940)

*Emy Falcão Maia Neto*¹

*É preciso arte para encenar nas páginas da história o sentido que têm as primeiras gotas de chuva para um homem do semi-árido nordestino, a alegria de que é tomado ao escutar as bâtegas caindo do telhado da sua casa, a primavera que inicia em seu coração ao ver as vacas a fazerem escaramuças diante do pasto verde que vem nascendo, ser capaz de avaliar a preciosa sinfonia que á para os ouvidos destes homens o coaxar em unísono dos sapos nos açudes, o zurrar distante de um jumento numa noite sertaneja, a beleza inigualável de uma céu carregado de nuvens escuras, a emoção provocada pela visão de uma campo amarelecido pelos pendões loiros do milho.*²

Durval Muniz de Albuquerque Jr.

Como trazer para a história, não apenas as sensações das chuvas, mas a relação dos moradores de Fortaleza com a água durante o período pesquisado? A arte que se faz necessária para escrever com sensibilidade, também é importante para mediar o contado com o tempo pesquisado. No final do século XIX em Fortaleza, além do coaxar dos sapos e do zurrar dos jumentos e de uma série de outros animais – galináceos, suínos, caprinos, bovinos e outros – era possível escutar outros sons que remetiam ao contato com a água. Muitos desses objetos propiciavam aos moradores, além de novos sons, novas sensações que demandavam a laboração de toda uma nova cultura sensível. Bicas, calçadas e até os bondes são observados na tentativa de se problematizar essas relações.

No livro *O quinze*, Raquel de Queiroz descreveu os sentimentos ligados à primeira chuva após um ano de escassez. Apesar de extenso o fragmento é significativo para o problema que será abordado neste artigo. Eis o trecho:

Enfim caiu a primeira chuva de dezembro. Dona Inácia, agarrada ao rosário, de mãos postas, suplicava a todos os santos que aquilo fosse “um bom começo”.

¹ Doutorando em História pela Universidade Federal do Ceará. Bolsista FUNCAP. E-Mail: <emyhistoria@gmail.com>.

² ALBUQUERQUE JR., Durval Muniz de. *Nos destinos de fronteira: história, espaço e identidade regional*. Recife: Bagaço, 2007, p. 88.

Conceição, comovida, pálida, de lábios apertados, a testa encostada ao vidro da janela, acompanhava a queda da água no calçamento empoeirado, o lento gotejar das biqueiras e de um jacaré da casa defronte, que deixava escorrer pequenos riachos por entre os dentes de zinco.

Na solenidade do momento, ninguém se movia nem falava. Só a Maria, a preta velha da cozinha, irrompeu pelo corredor, acorcorou-se a um canto e engulhando lágrimas e mastigando rezas, resmungava:

– O inverno! Senhor São José, o inverno! Benza-o Deus! Foi estranha a impressão de Vicente, acordando de madrugada, com um barulho desacostumado no telhado.

- Chuva? Possível?!

Meteu os pés da rede, correu ao alpendre:

- Chuva!

Chuva fresca e alegre que tamborilava cantando na velha telha, e corria nas biqueiras empoeiradas, e se embebia depressa no barro absorvente do terreiro!

Vicente, correndo ainda, foi à sala de jantar, escancarou a janela que dava para o curral.

(...)

Sofregamente, o rapaz estendeu a cabeça fora da janela. Entreabriu os lábios, recebendo no rosto, na boca, a umidade bendita que chegava.

E longamente ali ficou, sorvendo o cheiro forte que vinha da terra, impregnado dum calor de fecundação e renascimento (...).³

Raquel de Queiroz buscou trazer ao texto os sentidos da chuva em dois locais: Fortaleza e Quixadá. Para a autora, o lugar – cidade ou sertão – marcava a influência nos significados dados às precipitações. Em Fortaleza a chuva acontece fora, é importante para a vida das pessoas, mas há um distanciamento. Sabe-se do sofrimento, das rezas magras e da fome, é lamentável e triste. No entanto, para o personagem Vicente era inconcebível, um sacrilégio, ignorar a chuva. Não apenas o corpo, a terra e os animais careciam de água, mas a morada deveria ser aguada.

No texto há ainda, a presença de objetos que tem a função de marcar a distinção da vida na cidade da no campo: o vidro, o calçamento e a biqueira em formato de jacaré. No entanto, essa distinção rija é o primeiro ponto que carece de desconfiança. Como escreveu Raymond Williams, “o campo e a cidade são realidades históricas em transformação tanto em si próprias quanto em suas inter-relações”⁴. Assim, esses objetos, utilizados no texto para marcar as diferenças, apontam a necessidade de se pensar em cada realidade histórica. Em Fortaleza, os saberes e experiências

³ QUEIROZ, Rachel de. *O Quinze*. 92. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2011, p. 139.

⁴ WILLIAMS, Raymond. *O campo e a cidade: na história e na literatura*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011, p. 471.

trazidas pelos migrantes se misturavam com novos objetos e costumes mundanos, em um período em que a urbe tornava-se mais populosa.

Neste artigo, buscar-se-á discutir as mudanças na cidade de Fortaleza a partir das sociabilidades nas águas. Em como essa relação é ao mesmo tempo tensa e inventiva. Assim, optou por trazer à discussão as tensões dos banhos dos meninos nas chuvas, riachos e lagoas da cidade, a partir da escrita de alguns desses quando adultos.

Para compreender esses aspectos da dinâmica dos prazeres na água na cidade, os livros de reminiscências e literatura foram oportunos. A narrativa em retrospecto permite perceber, em meio a tentativas de escrita de si, as mudanças na cidade e das práticas. Além disso, trabalhando com esses livros em série é possível compreender diferentes formas de vivenciar a cidade, marcadas pelo tempo e diferentes territorialidades. No entanto, sempre que foi possível, considerou-se oportuno relacionar esses relatos com outros documentos – jornais, processos criminais, plantas da cidade e relatórios – que ajudassem a perceber possíveis conflitos que não aparecem ou eram inteligíveis nas outras fontes.

Por fim, o recorte temporal – 1890 até 1940 – se deu por balizar o período em que se passam as reminiscências e relatos dos autores estudados e por abranger importantes intervenções – abastecimento de água para uma parte da cidade, ampliação do arruamento e das linhas do bonde à tração animal, advento do bonde elétrico e outras – que modificaram de forma significativa o morar e a dinâmica das águas na cidade.

O banho “de chuva” e seus associados

[...] o céu, que há vários dias se vinha carregando tomando aquela cor de ardósia que prenunciava aguaceiros violentos, de repente, ao estrondo de meia dúzia de trovões, abria as comportas da altura, e a água se despejava em jorros pelas biqueiras do telhado, alcançando uma violência de pequena cascata pela boca dos grandes “jacarés” da fachada.

Pouca gente de hoje, mesmo em Fortaleza, com as belas residências funcionais que enfeitam agora a cidade, saberá da delícia que era a gente correr então para baixo do jato estrondajante que desabava do alto sobre nossas cabeças, fazendo-nos dar saltos e gritar cheios de alvoroçado gozo, como nalgum jogo proibido e cheio de pecado.

Mais tarde, a invernía se prolongando por alguns dias, os baixios do sítio, inundados, viravam lagoas, que se estendiam dum cercado ao outro, e por onde vogávamos, numa velha caixa d’água, de folha de flandres, improvisada em canoa balouçante sobre a água clara, em cujo leio corriam as lianas das salsas os tufos negros da grama da praia.⁵

⁵ LIMA, Herman. *Imagens do Ceará*. 2. ed. Fortaleza: Casa de José de Alencar; UFC, 1997 [1959], p. 34.

Para os meninos, os banhos de chuva não tinham regras, nem protocolos a serem seguidos. Não demandavam roupa especial, nem obedeciam a muito planejamento. Para tomar banho de chuva só precisava dar um passo para entregar-se aos encantos das águas. Pouco tempo após iniciada a chuva era comum encontrar em correrias e aos gritos um grande número de meninos que em enxame giravam a cidade a procura dos melhores banhos.

Mesmo com a continuidade das chuvas ano após ano – com alguma variação no volume – o banho de chuva mudava junto com a cidade. Atualmente, ainda é possível ver crianças tomando banho na chuva. No entanto, não se trata da mesma coisa. Afinal, como é possível achar que a prática continua a mesma se quase tudo ao redor está em mudança? Os espaços construídos não determinam as apropriações dos sujeitos, são “suportes” disponibilizados – com maior ou menor maquinaria – à interação das pessoas⁶.

Durante toda a segunda metade do século XIX, a cidade de Fortaleza foi objeto de diversas intervenções por parte das obras públicas. Construções de novos prédios e arruamentos dividiam as preocupações com as intervenções para domar os caminhos das águas na cidade. Nos *Relatórios e Falas dos Presidentes da Província* pesquisados para esse trabalho, encontrou-se com recorrência a prestação de contas referentes a obras que buscavam escoar água empoçada nos mais diversos pontos da cidade durante o período de chuvas. Em 1869, foi necessário desviar à água que escoria pelo Centro e se concentrava nas ruas Amélia e Misericórdia – destruindo o calçamento e parte do muro da cadeia – para a Praça Amélia até o final do período chuvoso⁷. Essa não é uma situação isolada, acompanhado os *Relatórios e Falas* em série é possível encontrar a recorrência intervenções que buscavam conter o caminho das águas.

A região onde está o Centro de Fortaleza era repleta de pequenos declives que costumava formar – para a alegria dos meninos – pequenos riachos com a água da chuva⁸. Essas formações não eram consideradas compatíveis com os anseios da cidade, uma vez que não raro as águas tomavam ruas e praças exigindo de volta o espaço tomado. Gustavo Barroso escreveu no último volume de suas memórias, que na primeira década do século XX era comum, após uma noite de chuva, a rua em frente a sua casa amanhecer alagada no que ele aproveitava – com alguns colegas – para ganhar uns trocados atravessando os pedestres nas costas⁹.

Os responsáveis pelas obras públicas respondiam a “teimosia” das águas com novas intervenções e à medida que aumentaram os investimentos na construção de bueiros subterrâneos e intensificavam as barreiras na região foi

⁶ FOUCAULT, Michel. “Espaço e poder”. *Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional*, n. 23, 1994, p. 144.

⁷ ALBUQUERQUE, Diogo Velho Cavalcante de. *Relatório com que passou a administração da província o EXM. SR Presidente ao 2º Vice-Presidente*. Fortaleza: Typ. Constitucional, 1869, p. 12.

⁸ BRÍGIDO, João. “A Fortaleza em 1810”. *Revista do Instituto do Ceará*, Fortaleza, Typ. Minerva, 1912; ADERALDO, Mozart Soriano. *História Abreviada de Fortaleza e a Crônica da Cidade Amada*. Fortaleza: Edições UFC; Casa José de Alencar, 1993, p.47; NOGUEIRA, João. *Fortaleza Velha*. Fortaleza: Edições UFC; PMF, 1980, p. 123-125.

⁹ BARROSO, Gustavo. *Memórias de Gustavo Barroso - Coração de Menino* [1939], Liceu do Ceará [1940] e Consulado da China [1941]. Fortaleza: Governo do Estado do Ceará, 1989, p. 372.

ficando cada vez mais difícil encontrar boas “lagoas” para as brincadeiras no Centro da cidade.

Além das lagoas, as bicas eram bastante apreciadas durante os banhos de chuva. Segundo José Wash Rodrigues, o conjunto formado por gárgulas, anteportas e bandeiras era a principal peculiaridade da arquitetura de Fortaleza¹⁰. Na cidade costumavam a se referir a esses artefatos pelo nome de jacarés, serpentões e bicas. Eram feitas de zinco, cobre o bronze e tinha os mais diversos formatos. No entanto, eram mais comuns as feitas de zinco em formato de jacarés, serpente ou dragão – dependendo da criatividade do artesão ou de quem olhava –, sendo utilizados para dar vazão à água das chuvas que escorriam do telhado.

Não se sabe de quando datam os primeiros exemplares desses objetos na cidade. Porém, é possível imaginar, que são contemporâneos das platibandas de influência neoclássicas introduzidas na cidade nos meados do século XIX¹¹. O *Código de Postura do Município de Fortaleza* de 1879 é o primeiro a fazer referência a esse artefato: permitindo e incentivando que a vazão das águas das chuvas fosse dada por canos embutidos ou serpentões¹². Sendo a segunda opção, seja por questões estéticas ou por demandar menor intervenção na fachada do imóvel, a preferida pela maior parte dos proprietários.

Porém, em 1932 foi aprovado um novo *Código de Posturas* para o município em que as apreciadas biqueiras passaram a ser proibidas, sob o risco de multa de 50\$000 por unidade¹³. No entanto, isso não que dizer que os jacarés deixaram de existir na cidade do dia para a noite com a assinatura do código. Possivelmente a peleja entre a municipalidade e os proprietários tenha se desenrolado por muitos anos além do prazo de 90 dias estipulado pela lei para a retirada dos artefatos.

Além de estipular o que estava dentro e fora da lei e aplicar as penalidades previstas, a “legalidade urbana” funcionava como um referente cultural fortíssimo, delimitando “civilidade” e instituindo novas distinções e territórios.¹⁴ Assim, é possível que alguns dos proprietários que mantiveram os jacarés nas fachadas de suas propriedades, além das sanções previstas na letra sofressem outras, sendo apontados como incivilizados e atrasados nos círculos mundanos da cidade.

A ideia da retirada dos jacarés, provavelmente, não saiu da cabeça de apenas uma pessoa. Deveriam existir na cidade alguns grupos – com possibilidade de influenciar na elaboração de leis – que demandavam pela retirada dos objetos. Tem-se notícia que alguns já haviam efetuado a retirada desses artefatos antes da aprovação da lei. Entre eles o historiador Guilherme Studart, que doou as duas

¹⁰ RODRIGUES, José Wash. *Documentário arquitetônico*. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: EDUSP, 1979, p. 310.

¹¹ DUARTE JR., Romeu. “Ceará’s colonial architecture: environment, project and memory”. *Revista CPC*, São Paulo, n. 7, abr. 2009, p. 52. Disponível em: <<http://www.revistasusp.sibi.usp.br>>. Acesso em: 10 mai. 2012.

¹² FORTALEZA. “Resolução n. 1818, de 1º de fevereiro de 1879”. *Actos legislativos da província do Ceará*: promulgados pela respectiva Assembléa no anno de 1878. Fortaleza: Typographia do Mercantil, 1879, p. 103-126.

¹³ FORTALEZA. “Decreto n. 70, de 13 de Dezembro de 1932”. *Código Municipal*. Fortaleza: Tipografia Minerva, 1933, p. 42 e p. 102.

¹⁴ ROLNIK, Raquel. *A cidade e a lei: legislação, política urbana e territórios na cidade de São Paulo*. São Paulo: Studio Nobel; FAPESP, 2003, p. 13.

gárgulas de bronze da sua residência ao Museu Histórico do Ceará meses antes da proibição.

Cristina Holanda, que pesquisou a constituição do Museu Histórico do Ceará, indaga os motivos que levaram Studart a tomar essa atitude, argumentando que esses objetos eram poucos significativos para apresentá-lo à posteridade como homem de letras e filantropo¹⁵. Desenvolvendo a argumentação, a historiadora indica que esta doação talvez estivesse ligada ao sentimento de que a cidade que ele conheceu e que era nela conhecido estava deixando de existir¹⁶.

É possível imaginar que algumas casas, com as melhores bicas, acumulavam dezenas de meninos que aos gritos e em puro alvoroço usavam para tomar banho os objetos pensados pelo *Código de Postura de 1879* para domar as águas das chuvas que escorriam pelos beirais dos telhados em cachorrada sobre o passeio. Porém, com a proibição – e paulatina retirada – essa cena tenha se tornado mais difícil até torna-se inimaginável, como assim pensou Herman Lima ao olhar as “casas funcionais” do seu tempo.

“Jogando Cambapé”: sociabilidades em rios, riachos e açudes

Além das áreas inundadas da cidade ou debaixo do jorro das biqueiras, havia na cidade uma série de “piscinas naturais” propícias – ou nem tanto – aos banhos nos arredores da cidade. Rios, riacho, açude e lagoas faziam a alegria dos meninos durante os meses de poucas chuvas.

Gustavo Barroso, apontado por ele próprio e alguns contemporâneos seus como o menino mais levado – danisco, danado, perguntador e endiabrado¹⁷ – que já viveu em Fortaleza, escreveu sobre alguns desses espaços:

*No tempo de inverno, temos ótimas piscinas em volta da cidade: a lagoa do Tauape, no Benfica; os açudes do João Lopes, entre o Jacarecanga e o Alagadiço, e o do Padre Pedro, ali ao lado do Matadouro. Por ser o mais próximo, este é o preferido desde o dia em que o Pimenta no-lo revelou.*¹⁸

Eis o seu preferido:

O Pimenta, o repetidor de ano, convida-nos a um banho no açude Padre Pedro. Temos alguns níqueis e tomamos o bonde para lá, na Praça do Ferreira, cheios de curiosidade.

¹⁵ HOLANDA, Cristina Rodrigues. *A construção do Templo da História Eusébio de Sousa e o Museu Histórico do Ceará (1932- 1942)*. Dissertação (Mestrado em História Social). Universidade Federal do Ceará. Fortaleza, 2004, p. 146.

¹⁶ HOLANDA, *A construção do Templo...*, p. 147.

¹⁷ BARROSO, *Memórias...*, p. 92; LIMA, Herman. *Poeiras do tempo: memórias*. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1967, p. 57.

¹⁸ BARROSO, *Memórias...*, p. 45.

[...] O açude se estende por trás da casa onde morou, quando vivia, o Padre Pedro, na Praça de São Sebastião, quase ao chegar ao Curral do Açougue, esquina da chamada Estrada do Gado, por onde este vem da feira de Porangaba ao Matadouro.

A mãe do Pimenta está tomando conta da casa, cujo os donos se acham em viagem. Transpomos a cancela e nos espalhamos pelo sítio a devorar goiabas e pitangas. Atiramo-nos depois alegremente à água límpida do açude, espelho de prata que refulge à luz do sol matutino na sua verde moldura de frondosos cajueiros.

A meninada do meu tempo é louca por água. Todos nadamos e mergulhamos como piabas.¹⁹

Quando Gustavo Barroso publicou o primeiro volume das suas memórias em 1939, já havia deixado há muitos anos a cidade em que passou sua infância e juventude. Muitas das construções, praças e ruas que descreve, já haviam deixado de existir ou tiveram seus nomes e usos alterados. No entanto, o açude “lembrado” por Barroso era ainda frequentado por meninos que brincavam e nadavam.

Mozart Soriano Aderaldo escreveu que brincou nas margens e penetrou nas águas do mesmo açude pelo menos 30 anos depois de Gustavo Barroso e que, apesar de “urbanizado entre quatro ruas e sem a mesma poesia”, o açude ainda existia em 1974 – ano em que escreveu a primeira edição da sua *História Abreviada de Fortaleza e a Crônica da Cidade Amada*²⁰. Porém, quinze anos depois – quando escreveu as notas explicativas acrescidas à segunda edição das *Memórias* de Gustavo Barroso publicadas em 1989 – lamentou que o açude Padre Pedro houvesse sido aterrado por obra da “ganância imobiliária”²¹.

A partir das andanças dos meninos na cidade é possível perceber uma Fortaleza repleta de água. Esses açudes não são encontrados na maioria das plantas da cidade. Mesmo na *Planta da Cidade de Fortaleza Capital da Província do Ceará* de 1888 – levantada pelo Engenheiro da província e Arquiteto aposentado da Câmara Municipal Adolpho Herbster – não há qualquer referencia a existência das “piscinas” citadas. Assim, a narrativa é oportuna para dar a conhecer a presença desses espaços e alguns dos usos que eram feitos deles.

No período em que Gustavo Barroso conheceu o açude do Padre Pedro, os bondes movidos à tração animal da Empresa Ferro Carril tinham um papel importante na construção das territorialidades urbanas. O lugar onde existiu o Açude do Padre Pedro ficava a dois quilômetros da Praça do Ferreira – importante logradouro localizado no centro da cidade – onde Gustavo Barroso e seus amigos pegaram o bonde que os levou à Praça de São Sebastião, nas proximidades do

¹⁹ BARROSO, *Memórias...*, p. 45.

²⁰ ADERALDO, Mozart Soriano. *História abreviada de Fortaleza e a Crônica da cidade amada*. Fortaleza: Edições UFC; Casa José de Alencar, 1993.

²¹ ADERALDO, Mozart Soriano. “Notas explicativas”. In: BARROSO, *Memórias...*, p. 45.

açude.²² Apesar da distância percorrida por Gustavo Barros não ser impossível de ser vencida andando, é preciso acrescentar que nesse período haviam poucos trechos pavimentados fora da zona central da urbe. A caminhada em areia frouxa era desgastante, difícil e demorada. Apesar de não condicionar os deslocamentos à sua existência, há de se ponderar que os bondes minimizavam as dificuldades do trajeto. A relação de “proximidade” dos meninos com o Açude Padre Pedro é marcada pela passagem da linha do bonde que seguia até o Matadouro. Assim, é preciso lembrar que as distâncias na cidade são relativas em relação aos “aparelhos” urbanos.

No entanto, nem todos podiam pagar os bilhetes para se deslocar entre os trechos ligados pelos bondes assim como nem todos podiam se deslocar sempre que desejavam tomar banho nesses espaços. Além da distância, a escolha dos reservatórios para os banhos sofria a influência de outros elementos. Sobre este assunto, mais um trecho de Gustavo Barroso:

*Do Parque [da Liberdade] vamos ao Reservatório do Pajeú, construído na seca de 1845 pelo Senador Alencar e melhorado na de 1877, pelo Barão de Sobral, todo coberto de aguapés e pacaviras, menos nos lugares onde a meninada dos arredores costuma tomar banho. Caboclinhos e moleques das choupanas próximas ali se atiram à água com o sol a dourar-lhes os corpos escuros, acobreados, mergulhando aos pulos, nadando de braço ou de cachorro, jogando cambapé. Como são felizes! Fico com tanta inveja deles que um instante desejo ser antes um moleque do que um filho-família.*²³

Não é possível pensar nas crianças como isoladas, alheia ao mundo dos adultos. Os usos que os meninos faziam da cidade – e que quando adultos querem lembrar – foram influenciados por escolhas familiares e condição social no tempo do vivido e no tempo do escrito. Eles não estavam alheios – mesmo com margens dilatadas em alguns casos – as regras, distinções e hierarquias sociais.

O reservatório do Pajeú ficava num trecho barrado do riacho Pajeú, não mais distante que alguns quarteirões da Praça do Ferreira. No entanto, havia uma discussão na cidade – quase contemporânea ao próprio reservatório – sobre a qualidade da água. Assim, alguns pais não queriam nem imaginar “suas” crianças tomando banho naquelas águas. Além disso, essa proximidade com a zona central de Fortaleza favorecia a vigilância àquele local.

Não é de se estranhar que os trajes para nadar nesses espaços era o de “adão”. Essa prática – nadar despido – era alvo de regulamentação em artigo desde o

²² Segundo Raimundo de Menezes, datam de 1880 os primeiros bondes puxados a burros de Fortaleza. Estes foram substituídos pelos bondes elétricos a partir de 1913, quando o serviço já pertencia à empresa The Ceará Tramway, Light and Power Co. Ltd. MENEZES, Raimundo de. *Coisas que o tempo levou: crônicas históricas da Fortaleza antiga*. [1938] Fortaleza / São Paulo: HUCITEC, 1977, p. 41-44.

²³ BARROSO, *Memórias...*, p. 27.

Código de Posturas da Câmara Municipal de Fortaleza de 1879 no capítulo intitulado “Bulhas, voserias, abscondidas e ofensas à moral”. O Código proibia, sob penas criminais e multa de 5\$000 reis, “banhar-se de dia no corrente da rua do Poço, na lagoa do Garrote, no Pajehú e outros lugares expostos às vistas dos viandantes, ou de quem estiver nas cazas”²⁴.

O banho nu era em prática entre os meninos e rapazes, mas na mesma medida em que a cidade crescia, aumentavam as críticas a essas práticas. Gustavo Barroso escreveu que após ir estudar no Liceu, ele não conseguiu evitar as “tentações da vadiagem”: tomando banho em reservatório do Pajeú, no açude do Padre Pedro e no mar “em trajes de Adão”²⁵.

A interdição apontada nas *Posturas*, além de reforçar a recorrência da prática, indica ainda que o problema não estava no banho em si, mas em ser visto tomando banho. Não havia restrição ao banho noturno, mesmo que despido. Uma afronta à moralidade. O *Decreto n.º 70 de 13 de dezembro de 1932* – conhecido como *Código de Posturas do Município de Fortaleza de 1932* – que veio substituir os anteriores é mais direto: “Incorrerá na multa de 50\$000 aquele que banhar-se em lugares públicos, estando completamente despido”²⁶.

Apesar de não “determinar” a forma final, a legislação é um referencial de grande importância. A persistência da proibição indica a continuidade da prática. Além disso, pequenas alterações no texto da lei podem ser oportunas para se compreender mudanças nos seus significados. Relacionando os artigos, é possível pensar que havia uma incapacidade de fazer valer a proibição de “banhar-se durante o dia”.

O código de 1879 aponta ainda em sua lista das proibições os possíveis lugares mais frequentados para essa prática – corrente da Rua do Poço, na lagoa do Garrote e no Pajehú.²⁷ Além das lagoas e açudes maiores, haviam outros construídos a partir das barragens dos riachos do Jacarecanga e do Pajeú que também eram usados para armazenamento de água e banhos. A barragem da água deveria ser objetos de disputa, uma vez que foi necessário um artigo no *Código de Postura da Câmara Municipal de Fortaleza de 1932* para regular a construção de sangradouros de um metro, para não privar de água outros terrenos²⁸.

Herman Lima, que morou durante a sua infância – vivida na primeira década do século XX – em uma propriedade, cercada por cajueiros, entre as dunas, o mar e o riacho Pajeú, em companhia de uma colega – “o pretinho” da sua escola primária – “estava disposto sempre a um croque, na cota de sacrifício por uma gostosa gazeta à beira do Pajeú”²⁹.

Não era apenas de banhos e braçadas que era feita a sociabilidade nas águas da cidade. A pesca era utilizada no passatempo dos meninos. Gustavo Barroso escreveu que o riacho Pajeú era ótimo para pescar camarões canela e pitu com

²⁴ FORTALEZA. “Decreto n. 70...”, p. 103-126.

²⁵ BARROSO, *Memórias...*, p. 27.

²⁶ FORTALEZA, “Decreto n. 70...”, p. 101.

²⁷ FORTALEZA, “Decreto n. 70...”, p. 103-126.

²⁸ FORTALEZA. “Resolução n. 1818...”, p. 103-126.

²⁹ LIMA, *Imagens do Ceará*, p. 13.

a palha do coqueiro³⁰. A pesca improvisada de crustáceos e pequenos peixes também divertia os meninos e suas andanças em busca de brincadeiras nas águas da cidade.

Considerações Finais

No período estudado, Fortaleza vivia um grande crescimento material. Novos prédios, ruas pavimentadas, grandes construções, bondes, automóveis e mais uma série de “novidades” eram apropriadas pelos moradores e interferiam na forma de viver a cidade. Assim, em um período menor que de uma vida – entre a época em que os memorialistas brincaram e escreveram – a cidade mudava com tanta velocidade a ponto de deixar tontos alguns dos seus habitantes.

As residências funcionais, segundo Herman Lima, eram belas. No entanto, não propiciavam aos seus moradores deliciosas sensações vividas em outro tempo, em outras moradas. A cidade estava – e continua – mudando e alguns tinham certeza que não era para melhor.

Para os escritores pesquisados as lembranças da sua – e o pronome possessivo aqui não é exagero – cidade passavam pelas lembranças das águas. Assim, as lagoas, rios, açudes e mangues – que eram alvo de incessantes intervenções relacionadas a noções de salubridade, que viam esses espaços como nocivos para a saúde dos moradores e a dinâmica de valorização de terrenos – ajudavam a compor a paisagem do lar de muitos desses homens.

Ainda é possível – com muito esforço – encontrar alguns desses espaços. Entregues à poluição e encarcerados em margens de concreto. Atualmente, grande parte da população da cidade evita passar próximo a esses espaços. Vistos como lugares de doenças e perigos. E ainda – cada vez mais vigiados pelos pais e pelos saberes – freqüentados pelos meninos. Porém, como foi dito no início, os sentidos são outros...



³⁰ BARROSO, *Memórias...*, p. 109.

RESUMO

Entre as “mil maneiras de caça não autorizada” que fazem o cotidiano, as astúcias envolvendo a água nos ambientes urbanos são extremamente significativas. Buscou-se trazer ao debate a discussão sobre as mudanças na cidade de Fortaleza a partir das sociabilidades nas águas, uma relação ao mesmo tempo tensa e inventiva, entre o uso e a norma. A partir dos banhos dos meninos nas chuvas, riachos e lagoas da cidade é possível pensar nas mudanças que ocorriam em Fortaleza e os sentidos dados a elas. Alterações nas fachadas dos prédios, nas ruas e nas sensibilidades provocavam ou propiciavam mudanças nos banhos dos meninos e na forma de usar e inventar a cidade. O recorte temporal escolhido – 1890 até 1940 – se deve por compreender o período em que se passam as reminiscências e relatos dos autores estudados e por abranger importantes intervenções – abastecimento de água para uma parte da cidade, ampliação do arruamento e das linhas do bonde à tração animal, advento do bonde elétrico e outras – que modificaram de forma significativa o morar e a dinâmica das águas em Fortaleza.

Palavras Chave: Água; Cotidiano; Sociabilidades.

ABSTRACT

Between “a Thousand ways of unauthorized hunting” which are part of everyday life the methods in which water is managed in urban environment are extremely significant. It is aimed at to bring up the discussion about changes in which the city of Fortaleza has passed through concerned to water sociability, what is considered to be at the same time a tense and creative relation between its usage and formal norms. As from kid’s showering in the rain, and also into Fortaleza’s streams and lakes it is possible to consider about changes occurred in the city and the reasons for which they happened. Modifications on facades, on the streets, and in sensibilities impelled changes in what is related to the kid’s showering and in their ways of using and inventing the city. The set of time chosen – from 1890 to 1940 – embraces the period of time in which it can be found reminiscences and reports based on the studied authors’ ideas, and also for including important interventions such as: water supply for a part of the city, expansion of streets and the lines of horse-drawn, implementation of street-cars and etc. In a way that altered Fortaleza’s water dynamic.

Keywords: Water; Everyday Life; Sociability.

Artigo recebido em 04 set. 2012.

Aprovado em 23 nov. 2012.